

TECNOLOGIAS COLABORATIVAS ALTERANDO AS RELAÇÕES COMUNICACIONAIS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo¹
iolanda.cortelazzo@utp.br
Universidade Tuiuti do Paraná

As transformações tecnológicas que desenharam a Era da Informação aceleraram mudanças no pensamento do homem sobre a natureza e sobre o próprio homem e suas relações com a natureza, com os outros homens e consigo próprio.

Sordi (1997) reflete como professores e alunos podem desenvolver um currículo mais perto de suas necessidades. A autora escreve

"a sala de aula representa em síntese, o trabalho e o esforço do professor de reinventar as formas de ensino, reinterpretar as regras do jogo institucional e redefinir as relações interpessoais que se processam bem como sua disposição particular de mediar a consolidação de um projeto educativo preocupado com a apropriação do conhecimento socialmente válido, tendo como perspectiva histórica a construção de uma sociedade mais equânime" (SORDI, 1997, P. 62).

Estou de pleno acordo com a autora, uma vez que na minha prática no Ensino Superior tenho procurado exatamente desenvolver essa postura. Estabelecer com os alunos uma negociação de tempo, espaço e currículo que permitam conceber o conhecimento como processo "onde professores e alunos constroem o saber novo, contraditório, fruto de processos sociais, históricos e culturais. Nós, professores que arriscamos, como Sordi escreve, *"uma audácia pedagógica e compreendemos os desacertos como etapas de construção, estamos colaborando para a transformação do modelo de ensino"* (SORDI, 1997, P. 63). Entretanto, muitos são os professores que preferem a posição confortável de reproduzir paradigmas tradicionais a arriscarem-se e terem o trabalho de desenvolverem novas competências e arcarem com a responsabilidade de promover mudanças.

No paradigma educacional tradicional, a comunicação educativa é unidirecional e o professor é o protagonista. Muitos deles crêem que cumprem o seu papel e vêem seus alunos como seus antagonistas (passivos, desinteressados, ignorantes). No paradigma educacional comunicacional, professor e alunos são

¹ Doutora em Educação. Consultora em EAD e tecnologias de comunicação na Educação. Professora do PPGEd Mestrado em educação da UTP. E-mail iolanda@boaaula.com.br

protagonistas que se comunicam dialogicamente, tendo bem definidos os objetivos do projeto coletivo em que participam e com o qual seus projetos individuais têm diferentes conexões que permitem o desenvolvimento individual e coletivo.. Se os alunos souberem porque devem aprender o que lhes é proposto, se forem considerados, se nós, professores, considerarmos que eles trazem uma experiência pessoal própria e que são responsáveis por suas decisões, com certeza, os alunos se disponibilizarão a aprender o que lhes é necessário saber para realizarem-se na vida real como profissionais, cidadãos e seres humanos íntegros. Como professores, educadores, orientadores, devemos nos lembrar que cada aluno tem uma experiência pessoal e escolar própria e que a motivação interna é que o impulsionará a se comprometer com seu processo de aprendizagem. Carlson lembra-nos que "*essa experiência é maior do que o conhecimento que ele receberá na escola*" (CARLSON, 1989) , e que cada adulto faz um percurso próprio na construção do conhecimento.

Há que se considerar estas questões ao se trabalhar com a formação continuada dos professores no Ensino Superior na utilização das tecnologias de informação e de comunicação na educação. Muitos professores, em todos os níveis educacionais escolares, quando ouvem falar de uso da tecnologia na educação, imediatamente pensam na introdução do computador na escola, e temem que essas máquinas ocupem seus lugares. Esquecem-se que, conforme afirma YANES (1979, p.7) a tecnologia (neste caso educativa) "*implica em planejamento, sistematização, aplicação e avaliação do processo de ensino aprendizagem à luz das teorias de aprendizagem e da comunicação, valendo-se de recursos humanos e técnicos*". Desta forma, quando falamos de tecnologias de informação e de comunicação aplicada à comunicação escolar, incluímos desde o próprio professor na sua inter-relação com o aluno e as trocas interpessoais dos alunos, como todas as outras já existentes na sua comunicação nas atividades sociais em casa, no trabalho ou na escola. O que é fundamental na utilização das tecnologias de informação e de comunicação é como elas são usadas na mediação das relações humanas , nas inter-relações pessoais e nas trocas reflexivas.

Nenhuma tecnologia é boa ou má, nenhuma é neutra (LÉVY, 1992), destarte é fundamental que os professores estejam atentos para as aplicações, ou implementações que apresentam para seus alunos, mostrando os caminhos positivos, mas alertando para os perigos e como superá-los; uma vez que o fascínio pela tecnologia é a primeira fase depois que a resistência é rompida.

A navegação ciberespacial, ou os relacionamentos que se desenvolvem por meio dos "chats" e da troca de "e-mails" , com fins educacionais devem ter objetivos claros dentro de um projeto estabelecido por professores e alunos. As tecnologias de informação e de comunicação usadas como tecnologias interativas ampliam os momentos de ensino e aprendizagem para além dos muros das instituições de Educação Superior.

Mas para que essa ampliação aconteça, é necessário se pensar um programa de formação dos professores que inclua além da dimensão operacional, uma dimensão pedagógica e uma dimensão social do uso das tecnologias de informação e de comunicação. E esse programa começa a se delinear a partir da definição de filosofia de educação que se adota. Se caracterizarmos a escola como conservadora, "*guardiã dos valores de uma cultura ameaçada pela evolução social*", consideraremos as tecnologias como "*um cavalo de Tróia de interesses econômicos, industriais e estrangeiros ou indiferentes aos da educação*" (POUTS-LAJUS & RICHÉ-MAGNIER, 1998, p.1) e desenvolveremos uma política de resistência quanto à sua utilização ou limitadora, enquadrando as tecnologias de informação e de comunicação ao paradigma clássico de ferramentas como suporte de transmissão unidirecional de informação. Entretanto, se considerarmos uma escola aberta para o mundo, poderemos adotar uma política de formação de professores que lhes permita "*aprenderem a criar um quadro pedagógico no qual o aluno utilizará essas tecnologias de maneira útil e eficaz*", mais ainda, onde o professor admita a cumplicidade do aluno e aceite a inversão dos papéis quando esse aluno chega a esse espaço com maior proficiência no uso das tecnologias do que o professor. Um espaço onde "*a aprendizagem acontece em contexto, por imitação e por impregnação*", bem como a partir das inter-relações entre os diversos interlocutores em ação, professores, alunos, técnicos, bibliotecários, comunidade, onde os professores vivenciam as mesmas situações pedagógicas que seus alunos, aprendendo imitando, fazendo, compartilhando e experimentando novas formas de aprendizagem (POUTS-LAJUS e RICHÉ-MAGNIER, 1998. p.,5). Um espaço onde a formação dos professores aconteça com o objetivo de desenvolver um projeto coletivo colaborativo, favorecendo não apenas os professores e os alunos, mas a Escola como um todo.

Os atores ainda enfatizam a necessidade da formação do professor que é uma tarefa complexa e difícil: "*a formação de professores se apresenta ao mesmo tempo como uma condição imperiosa e, vista a imensidão da tarefa, como o obstáculo mais*

sério para o uso da tecnologia na educação” ((POUTS-LAJUS e RICHE-MAGNIER, 1998. p. 173).

As tecnologias de informação e de comunicação, vistas como meios de se construir um saber e um saber-fazer que se estende para além dos muros da sala de aula, envolve coordenadores, bibliotecários, administradores, professores, enfim, toda a comunidade. O objetivo não é desenvolver professores e alunos como manipuladores das novas tecnologias, pelo contrário, objetiva-se torná-los participantes de projetos pedagógicos coletivos pensados e planejados em conjunto, utilizando essas tecnologias como mediação e otimização da ação, interação, comunicação e compartilhamento entre os diversos agentes do processo educacional. Para se alcançar essa situação, uma das alternativas é que as tecnologias de informação e de comunicação sejam consideradas tecnologias colaborativas. Esta alternativa supõe que as relações entre professor e alunos e entre os alunos no curso se pautem pela colaboração.

Segundo Panitz, “ *colaboração é uma filosofia de interação e um modo de vida pessoal onde os indivíduos são responsáveis por suas ações, incluindo aprendizagem e respeito pelas habilidades e contribuições de seus colegas*”. Utilizo, pois, para este trabalho colaboração como a ação desenvolvida em conjunto, por duas ou mais pessoas que se entendem, se respeitam, têm interesses e objetivos comuns e que compartilham os mesmos valores, para a realização de um serviço, um projeto ou um produto

No Ensino Superior, o professor que promove a colaboração, o trabalho em equipe, a parceria, não ensina apenas, mais do que isso, participa com seus alunos, adultos, que já possuem um conhecimento tácito, da aprendizagem colaborativa ao definir um conjunto de processos que auxiliam todos os integrantes a interagirem uns com os outros, de modo que, juntos alcancem os objetivos da disciplina e construam novos conhecimentos.

Ao trabalharem colaborativamente uma determinada disciplina em um curso de Graduação ou de Pós-Graduação, professor e alunos transformam as tecnologias de informação e de comunicação em tecnologias colaborativas, isto é, essas tecnologias são usadas para o armazenamento, recuperação, processamento e comunicação de informações, mas também para o compartilhamento, discussão e produção conjunta de conhecimento. A exemplificação a partir da descrição de duas experiências reais pode ser mais explicitadora do que se está chamando aqui tecnologias colaborativas.

Mudando atitudes no curso de Pedagogia

Mudanças de atitudes não são fáceis nem rápidas, mas acontecem se houver paciência, perseverança e continuidade.

No curso de Pedagogia da FCHLA da UTP, em Curitiba, foi introduzida a disciplina Tecnologias de Informação e de Comunicação na Educação, conhecida pelos alunos como TICE. Essa disciplina, com 80 créditos, ministrada uma vez por semana, introduz a discussão do uso das tecnologias na educação já para os alunos do primeiro ano do curso de Pedagogia a partir de textos de estudiosos como Moraes (1999), Valente (2000), Lévy (1996, 1998), Postman (1994), Machado (1996), Cortelazzo (1996, , 2000, 2003), Litwin (1997). A ementa traz como elementos a serem trabalhados o estudo do planejamento, desenvolvimento e aplicação dos recursos tecnológicos informatizados na educação; a elaboração e operacionalização das atividades de ensino à distância; o uso dos aplicativos e softwares educacionais para o Ensino Fundamental, com algumas técnicas de avaliação dos mesmos.e uma instrumentalização inicial dos alunos para elaboração, análise e avaliação de projetos pedagógicos com a utilização da Internet.

A disciplina visa levar o aluno a conceber a Tecnologia Educacional como área do conhecimento com forte ligação com a didática e comprometida com a formação de um profissional consciente e atuante na sociedade, diferenciando-se de uma visão meramente tecnicista do ensino e da tecnologia. Outros objetivos são o de permitir aos graduandos uma apropriação das interpretações do que seja tecnologia educacional em alguns países e no Brasil, compreender a linguagem da informática; conhecer técnicas de elaboração de material e de uso de diversas tecnologias.

Os objetivos da disciplina são bastante ambiciosos, visto que as classes são numerosas e os conhecimentos básicos das alunos, na sua maior parte do sexo feminino, são muito heterogêneos. Por isso a metodologia proposta e trabalhada levou esses aspectos em consideração. A aula, ao invés de ser expositiva, como tradicionalmente, se caracterizou por ser dialogada, a partir de leituras orientadas realizadas extra-classe ou na sala de aula. Outra atividade é a realizada pelos alunos organizados em equipes de trabalho que discutem as leituras e preparam seminários ou painéis. As atividades práticas são realizadas no laboratório de informática.

Foram criadas pelos professores da TICE, os Mestres Ivonélia da Purificação, Carlos Rocha, Sergio Nauffal com a assessoria da Profa. Dra. Iolanda Cortelazzo, uma

ferramenta para acompanhamento e comunicação com os alunos, o LabTICE, um ambiente, que funciona como um laboratório virtual para estudos colaborativos.

O laboratório virtual LabTICE, em atividade desde o primeiro semestre de 2002, juntamente com os professores pesquisadores que o compõem, passou a fazer parte do NUPPEI (Núcleo de Pesquisas em Processos Educacionais Interativos) do Programa e Pós-Graduação - Mestrado em Educação, em outubro de 2002, por ter como um dos seus pressupostos a pesquisa.

O LabTICE foi criado como uma metáfora de um laboratório onde se vê na entrada um mural, uma estante e um cartaz. O LabTICE apresentava links para os trabalhos desenvolvidos pelos alunos, para as atividades da disciplina, para textos ligados à área e/ou educação, para a divulgação de eventos, para outros projetos. . Semanalmente, era feita a sua atualização, com manutenção constante dos professores. Está em andamento um treinamento de monitoria, com alunos da Graduação, para implementação, operacionalização e manutenção do sistema.

Em permanente construção, o LabTICE se apresentava como objeto de pesquisa e ao mesmo tempo espaço onde os resultados da pesquisas feitas pelos diversos pesquisadores envolvidos eram divulgados.

Em 2004, uma plataforma desenvolvida pelo NIEd da UNICAMP e disponibilizada a outras instituições de ensino, Teleduc, passa a ser utilizada, substituindo o LABTICE que cumpriu sua função de laboratório virtual como campo de discussão e pesquisa para os professores pesquisadores da FACHLA, visto que para chegar à estrutura e desenvolvimento do Teleduc demandaria muitos recursos não disponíveis na ocasião.²

Considerações Finais

As tecnologias estão presentes em todos os setores da vida em sociedade, atualmente, e os profissionais de outras áreas de conhecimento estão se apropriando, rapidamente, dessas tecnologias. Na área da educação, a comunicação escolar está bastante afastada da comunicação social vivenciada pelos alunos e pelo cidadão em geral, pois muitos dos educadores (pedagogos e professores) resistem a se familiarizarem, usarem e criarem com essas tecnologias. Portanto, é necessário que os profissionais de Pedagogia repensem a formação dos professores que, nas próximas

² Parágrafo de atualização do artigo escrito em 2003.

décadas, serão responsáveis pela educação de alunos que já nascerão em ambientes, se não controlados pela tecnologia, pelo menos influenciados de alguma forma por elas. Os profissionais da Educação não podem abrir mão dessa responsabilidade para técnicos, engenheiros, informatas e comunicadores, pois são esses profissionais que estão se preparando para educar com a mediação das tecnologias. Devem, antes, integrar com eles em equipes multidisciplinares.

A chamada Sociedade do Conhecimento requer um novo cidadão que precisa ser educado por uma escola preparada para o seu tempo, capaz de ler e escrever nas diversas linguagens que essas tecnologias veiculam de modo a não ser seduzido e manipulado por elas. É preciso, pois, que os docentes universitários, em especial os do curso de Pedagogia, sejam preparados para que, na Pedagogia e nas Licenciaturas, orientem a formação de professores no uso efetivo de novas metodologias de ensino e de tecnologias de informação e comunicação, aliando pesquisa e ensino. Esses professores precisam estar em constante desenvolvimento para acompanharem as transformações que acontecem na sociedade e que precisam ser pensadas, avaliadas e melhor ainda “previstas” para que seus impactos não sejam mais graves do que poderiam ser. Dentre essas atualizações, é essencial que os cursos de Pedagogia e as Licenciaturas se preparem para as modalidades de Educação Aberta e a Distância.

A formação do docente da Graduação precisa ser contemplada com disciplinas que focalizem a práxis, trabalhando os conceitos e as suas aplicações; que despertem a necessidade de aprender para ensinar, enfatizando o novo papel do professor; e que, sobretudo, faça os futuros professores se apropriarem das tecnologias, também, como mediadoras colaborativas no processo educativo e refletirem sobre o seu uso a partir de sua prática de pesquisa e de ensino tanto nas modalidades presencial como na modalidade a distância.

Referências

CARLSON, Robert. Malcolm Knowles: Apostle of Andragogy. *Vitae Scholasticae*, 8: Spring 1989.

CORTELAZZO, I. B. C. Taking the best from real teaching environments. In **Informatics and the Digital Society: Social, Ethical and Cognitive Issues**. Boston: Kluwer Academic Publishers, 2003.

_____. Computador para interação comunicativa. **Comunicação & Educação**. Ano V, [16]:19-25, set.dez., 1999.

CORTELAZZO, I. B. C. e OLIVEIRA, V. B. de. Telemática: proposta e desafio à educação e comunicação. IN **Informática em Psicopedagogia** (org. Vera Barros de Oliveira). São Paulo: Editora SENAC- São Paulo, 111-130, 2002

LÉVY, 1992.

LITWIN, E. *Tecnologia educacional: política, história e propostas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997

MACHADO, N. J. Informática na escola: significado do computador no processo educacional. **Epistemologia e didática** : as concepções de conhecimento e inteligência e a pratica do professor. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996:211-257.

POUTS-LAJUS, Serge et RICHÉ-MAGNIER, Marelle. **L'école à l' heure d' Internet**. Les enjeux du multimédia dans l'education. Paris: Nathan, 1998. Disponível em http://alsic.u-strasbg.fr/Num2/demaizie/alsic_n02-liv1.htm. Acessado em 06/06/2009.

SORDI, Mara Regina Lemes de. A aula universitária em questão: espaço de descoberta ou de reprodução? **Revista da Educação**. Campinas, v.1, N. 3:59-73, dezembro, 1997.

VALENTE, J. A (org.). *Computadores e Conhecimento*. 2ª ed. Campinas: UNICAMP/NIED, 1998

YANES, Margarita Castañeda. **Los medios de la Comunicación y la Tecnología Educativa**. Mexico, Editorial Trillas, 1991